REVISTA Língua & Literatura
ISSN 1984-381X

Uma análise do perfil sociolinguístico de Assis Chateaubriand/PR

An analysis of the sociolinguistic profile of Assis Chateaubriand/PR

Michelli Cristina Galli[1]
Ana Paula Dalleaste[2]
Sanimar Busse[3]

Resumo: Apresentamos neste texto uma análise preliminar da vibrante alveolar e da lateral na fala de Assis Chateaubriand/PR, com o objetivo de descrever, a partir da perspectiva dialetológica e sociolinguística, os fatores linguísticos e extralinguísticos que possivelmente contribuem para a realização do rotacismo na fala chateaubriandense. O Paraná está localizado na região sul e faz divisa com os estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo, sua colonização e povoamento foram marcados pela presença de imigrantes e migrantes vindos de vários estados do Brasil. No Oeste do Paraná situa-se Assis Chateaubriand cercada por núcleos de colonização sulista e, ainda assim, mantém perfil linguístico particular em relação à realização das consoantes lateral e vibrante alveolar. No Brasil, a variedade do som para a vibrante é grande e suas realizações vão desde a vibrante alveolar à aspiração laríngea, em alguns casos há até mesmo o apagamento em posição de coda silábica. Nesse contexto de realização encontra-se, de forma estigmatizada, o fenômeno do rotacismo. A alternância entre as consoantes líquidas está presente na língua portuguesa desde sua formação até a atualidade. A investigação pretende ampliar e aprofundar os estudos que, desde a década de 1990, vêm descrevendo e mapeando as variedades do português falado na região.

Palavras-chave: Dialetologia. Sociolinguística. Rotacismo.

Primeiras palavras

[1] Aluna do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras - Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste - *Campus* de Cascavel. michelli.galli@ifpr.edu.br
[2] Aluna do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras - Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste - Campus de Cascavel. ana_dalleaste@hotmail.com
[3] Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado e Doutorado em Letras/Unioeste. sani_mar@yahoo.com.br

Ao longo dos anos as palavras sofrem alterações tanto na escrita quando na pronúncia, ao considerar a língua enquanto viva e evolutiva, compreende-se esse processo como natural a todas as línguas.

Neste trabalho destacam-se as mudanças fônicas ocorridas na língua, mais especificamente em relação ao rotacismo. Presente no português brasileiro desde as descrições de Câmara Junior (1970), a rotacização, o chamado fenômeno do rotacismo ainda é tratado com estigma e classificado como português não padrão. Para compreender os caminhos percorridos pela língua traçam-se informações sobre a consolidação da dialetologia e, por conseguinte, sobre a sociolinguística variacionista.

A constituição da história paranaense está marcada pela mineração, agricultura e agropecuária. Em cada região havia um motivo específico que atraía a atenção dos colonizadores, as colônias formadas por imigrantes e migrantes estimulou a movimentação dentro do estado, chegaram pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo. Com a comercialização dos produtos agrícolas e animais, estradas foram abertas ligando o norte ao sul do Paraná.

O município de Assis Chateaubriand está localizado no oeste do Paraná e sua colonização foi marcada pela promessa de riqueza na agricultura. Adízio Figueiredo dos Santos, natural do Ceará, foi pioneiro no processo de colonização, tendo chegado ao Vale do Piquirí em 1952, fundando a então Colonizadora União do Oeste Ltda., anos mais tarde vendida à Colonizadora Norte do Paraná S/A. Para conseguir desbravar as terras até então denominadas de *Campo dos Baianos*, Adízio comandou um grupo de pessoas, formado em sua maioria por nordestinos. Entretanto, como as terras se mostravam futuramente promissoras, chegaram pessoas de todas as regiões do Brasil (MAIOR, 1996).

Na época da colonização do município o cultivo do café era predominante e o sucesso de sua colheita trazia inúmeras oportunidades para o desenvolvimento local. Após os caminhos na mata terem sido abertos, outra corrente de migrantes veio do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para o oeste paranaense e se concentrou onde é hoje a cidade de Toledo. Os migrantes sulistas cultivaram a chamada lavoura branca (milho, arroz e feijão) e criaram frangos e gados de leite.

Recebido em: 24 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

A ascensão, do que se pode chamar de "Poder da Terra Roxa", resultado da decomposição das rochas basálticas, fez com que no ano de 1970 a cidade chegasse a 112 mil habitantes. Entretanto, no final da mesma década, o município teve uma considerável redução no número da população, chegando a 33.998 (IBGE, 2013). A mecanização decorrente do acesso à tecnologia diminuiu os trabalhos braçais e liberou os colonos para atividades em indústrias nos grandes centros urbanos. A falta de qualificação colaborou para o aumento no índice de desemprego e, consequentemente, o aparecimento das periferias.

Mesmo cercada por núcleos de colonização sulista, a cidade de Assis Chateaubriand apresenta algumas características peculiares em sua fala, dentre elas o *rotacismo*, fenômeno que consiste na troca da consoante lateral alveolar /*l*/ pela vibrante alveolar /*r*/.

Os fatos constroem um cenário propício para a análise da língua, indicando uma representação dos fenômenos da variação a partir da formação histórica, dos diferentes grupos étnicos encontrados na área, dos caminhos e rotas de ocupação, do contato linguístico entre os falantes de variedades distintas, etc. Possibilitando assim, compreender e levantar hipóteses, com base em fatores históricos e geográficos, a respeito das contribuições para a preservação e inovação dos falares das regiões.

Na Sociolinguística, a língua é pensada a partir do seu aspecto social e sua variabilidade determina a constituição dos fatos linguísticos (LABOV, 1968). A descrição dos fatos linguísticos permite compreender que as estruturas que variam relevam "padrões de regularidades que, de tão sistemáticas, não podem ser devidos ao acaso" (MONTEIRO, 2001, p. 57). Na língua esboça-se, portanto, um quadro de "representações" em que se armazenam as informações sócio-culturais relevantes para determinada coletividade.

Nesse sentido, os princípios da dialetologia aliados aos da sociolinguística contribuem para a melhor compreensão da realidade da fala e fornecem informações preciosas para os estudos da linguagem.

Contribuições da Dialetologia para os estudos da linguagem

Recebido em: 24 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

A Dialetologia tem como objeto de investigação a variação linguística geográfica ou diatópica, procurando documentar, descrever e comparar variedades regionais de uma língua. Os estudos dialetológicos iniciam-se no século XIX, ainda de forma precária, o difícil acesso a algumas áreas geográficas impossibilitavam o contato com documentos e, consequentemente, um estudo mais minucioso a respeito das variedades da língua. Além disso, a falta de meios tecnológicos era outra barreira encontrada pelos estudiosos.

Os primeiros passos da Dialetologia foram dados por Georg Wenker que, durante 10 anos, recolheu na Alemanha dados para a elaboração das cartas linguísticas. O estudioso iniciou sua pesquisa investigando, pelo método de correspondência, pontos do território de fala alemã, e publicou um fascículo com 10 mapas elaborados a partir dos primeiros resultados da pesquisa.

No entanto, foram pelas contribuições de Jules Gilliéron, considerado o fundador da Geolinguística, que os estudos ganharam uma forma sistematizada de coleta dados. Gilliéron, iniciou a ideia do atlas que contemplasse todo o território francês e confiou o trabalho da coleta de dados a um amigo sem formação linguística. O *Atlas Linguistique de la France – ALF*, foi publicado no final do século XIX em diferentes fascículos que agrupou 1920 mapas, 1421 cartas completas e 499 parciais. A partir dos estudos do dialetólogo francês, a geografia linguística se fixou como método dialetológico e comparativo.

No Brasil, é com o trabalho de Amadeu Amaral *O Dialeto Caipira* de São Paulo, em 1920, que a dialetologia ganha espaço nos estudos das variantes brasileiras da língua portuguesa em sua modalidade falada. Mais tarde, em 1923, em homenagem a Amadeu Amaral, Antenor Nascentes focando seus estudos na língua do povo, publica *O Linguajar Carioca* em 1922. Na edição seguinte, a obra passa por uma reestruturação, fruto da reformulação de conceitos e propostas, servindo de ponto de partida a todos os que estudam o português do Brasil.

Entre os linguistas-filólogos que marcaram os estudos do português brasileiro, estão Serafim da Silva Neto e Celso Cunha que juntos propuseram o *Atlas Linguístico-Etnográfico do Brasil.*

Recebido em: 24 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

Os anos de 1957 a 1959 foram decisivos para a dialetologia brasileira, pois permitiram pensar na divisão dos estudos no Brasil por regiões. Dentre eles estão: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), o *Esboço de um Atlas de Minais Gerais* (EALMG), o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALP), o *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR,*o *Atlas Linguístico Sono do Pará – ALISPA,*além de outros projetos que ainda não foram publicados como, *O Atlas Linguístico do Estado do Ceará* (ALECE), *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (ALERS), *Atlas Linguístico do Estado de São Paulo* (ALESP) e *Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro* (APERJ), no entanto, ainda são poucas as pesquisas de tradição dialetológica.

As obras publicadas trazem as mudanças por que passaram os estudos dialetológicos, podendo dividir os atlas em três grupos distintos: monodimensional, bidimensional e pluridimensional. Os atlas monodimensionais, como é o caso do *Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB*, *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG*, *Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB* e *Atlas Linguístico da Região Sul – ALERS*, estão focados na dimensão espacial. Esses atlas apresentam uma metodologia cuja identificação da diversidade do uso da língua se dá dentro de uma determinada área geográfica.

Aprimorando os atlas monodimensionais, a metodologia dos atlas bidimensionais, além da dimensão geográfica, contempla outra dimensão, podendo ser diagenérica ou diageracional. No grupo dos atlas bidimensionais estãoo *Atlas Linguístico de Sergipe – ALSE I e II* e o *Atlas Linguístico do Paraná - ALPR*. Já os atlas pluridimensionais, primam não somente a dimensão geográfica, mas também duas ou mais dimensões sociais: diastrática, diageracional, diassexual ou diagenérica, entre outras. O primeiro atlas brasileiro de cunho pluridimensional é o *Atlas Linguístico Sono do Pará – ALISPA*.

As mudanças encontradas nos atlas linguísticos são necessárias, pois aos poucos, a partir de novos estudos, novas variantes foram acrescidas ao método para um retrato preciso da fala. "Essa Geolingüística pluridimensional, que se consolida ao final do século XX, vai ocupar-se do controle sistemático de variáveis sociais, mas terá que administrar, competentemente, a pluralidade de dados a ser cartografada" (CARDOSO, 2002).

Recebido em: 24 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

Contribuições da Sociolinguística Variacionista para os estudos da linguagem

A Sociolinguística é uma área da ciência da linguagem que procura constatar de que forma os fatores internos e externos estão correlacionados ao uso de variantes na fonética, na morfologia, na sintaxe e no léxico de uma língua. Portanto, "o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, ou seja, em situações reais de uso" (ALKIMIN, 2009, p. 31).

A complexa relação entre língua e sociedade ganhou novos rumos com o surgimento da sociolinguística em meados da década de 50 do século XX. O primeiro a preocupar-se como estudo da língua considerando as variantes foi William Labov, para esse estudioso, todas as línguas possuem como característica a variação linguística, isto é,todas as línguas variam. Assim, a variação é o lado heterogêneo da língua, mesmo que aparentemente desorganizado, é regular, sistemático e previsível, controlado por variáveis estruturais e sociais. As correlações existentes entre as variáveis linguísticas, internas à língua, e as variáveis não-linguísticas, externas à língua, operam como em um campo de batalha, inibindo ou favorecendo o emprego de algumas variantes.

As formas distintas da língua consolidam-na como heterogênea, nesse contexto, interessa aos estudos da sociolinguística compreender as variáveis sociais que influenciam variação linguística. De acordo com o *status* social, positivo ou negativo, é possível compreender o grau de comprometimento do fenômeno da variável no sistema e determinar se as variantes em competição encontram-se em processo de mudança, sendo ela inovadora ou conservadora (MOLLICA, 2003).

Para compreender as mudanças faz-se necessário estudar a língua na comunidade, na situação real de fala amparado por fatores linguísticos e extralinguísticos:

> Dessa forma, a pesquisa sociolinguística imp1ica levantamento cuidadoso dos registros de línguafalada, descrevendo a variável (conjunto de variantes), e traçando um perfil das variantes (diversas maneirasde se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade); analise dos

Recebido em: 24 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

> fatoresestruturais, sociais e estilísticos condicionantes; encaixamento da variável no sistema linguístico e social dacomunidade; avaliação da variável, para a confirmação dos casos de variação ou mudança (HORA, 2004, p. 100).

A língua sofre pressões de variáveis internas (semânticas, sintáticas, morfológicas, fonético-fonológica) e externas (diferença de classe social, sexo, escolaridade, etnia, região, contexto situacional, nível de formalidade). As mudanças na língua são resultados da batalha das variantes: padrão/ não padrão; conservadoras/inovadoras e de prestígio/estigmatizada.

"As línguas mudam" (FARACO, 1998, p.45). As mudanças linguísticas são marcadas, em um primeiro momento, pelas mudanças na fala e em seguida, mudanças na escrita. É um processo lento e gradual, sustentado por um período de transição, cujas variantes concorrem sobrepondo-se umas às outras, e um período de mudança.

O dinamismo da língua pode ser identificado nos processos de mudança, nos quais, em uma mesma comunidade de fala as formas inovadoras convivem com as já existentes. "Nas pesquisas sobre variação, além da descrição dasvariantes de uma língua, é possível identificar os estágiosdos fenômenos que se encontram nos processos de mudança" (BUSSE, 2012).

A inovação pode tercomo gênese:

> a) a alteração de um modelo tradicional;
> b) a seleção entre variantes e modosisofuncionais existentes na língua;
> c) a criação sistemática ('invenção' de formasde acordo com as possibilidades do sistema);
> d) os empréstimos de outra 'língua' (que podeser total ou parcial e, com respeito ao seumodelo, pode implicar também 'alteração');
> e) a economia funcional (negligência dedistinções supérfluas no discurso) (COSERIU, 1988, p. 79)

Uma vez que a língua é viva e evolutiva, compreende-se que há fatores correlacionados que condicionam fenômenos variáveis ou em mudança. Assim, a atuação dos fatores externos na geração e motivação da fala está condicionada pela mesma "dinâmica" dos

Recebido em: 24 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

fatores internos, sendo possível, portanto, determinar a rede de relações mantida entre eles, e que orienta a produção da fala na comunidade.

Partindo dessa afirmação, há variáveis que atuam como fator condicionante na variação. A variação social ou diastrática refere-se à variação condicionada aos fatores sociais, dentre elas destacam-se: *nível de escolaridade*, *faixa etária* e *sexo/gênero*. A variável *escolaridade* tem sido acrescentada aos estudos sociolinguísticos, sua inclusão nas análises provém da necessidade em se compreender as relevantes diferenças quanto aos usos linguísticos de uma comunidade de fala escolarizada e não-escolarizada. Acredita-se que ao ter um maior contato com a língua padrão, a comunidade escolarizada tende a "rejeitar" formas inovadoras e não-padrão.

Ao considerar a variável *faixa etária* é importante voltar-se ao que é mudança individual e o que é mudança histórica: a variável pode refletir mudança em uma comunidade de fala em relação ao tempo ou a mudança na fala do indivíduo em relação ao seu tempo de vida. Para que se possa tratar da complexidade existente nessa variável é fundamental que outros fatores sociais sejam levados em consideração ao se analisar a língua.

A variável *sexo*é um importante fator na compreensão da variação linguística. Em geral, as mulheres tendem a valorizar a variante de prestígio e se adaptam mais facilmente a situações em que as inovações não são estigmatizadas. No entanto, nos estudos sociolinguísticos é necessário que as variáveis *escolaridade*, *faixa etária* e *sexo* se cruzem para que os dados sejam os mais legítimos possíveis.

As variáveis linguísticas e não-linguísticas não agem isoladamente, mas atuam em um conjunto de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes (MOLLICA, 2003).

Nesse viés, faz-se necessária uma ressalva quanto aos temas de interesse da sociolinguística: "os padrões linguísticos estão sujeitos à avaliação social positiva e negativa e, nessa medida, podem determinar o tipo de inserção do falante na escala social" (MOLLICA, 2003). Em virtude da avaliação social, variantes de prestígio e estigmatizadas, os estudos da sociolinguística têm oferecido valiosas contribuições na tentativa de romper com o preconceito linguístico.

Recebido em: 24 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

As variantes linguísticas estigmatizadas pelacomunidade de fala possuem, muitas vezes, a função degarantir a identidade do indivíduo com um determinado gruposocial, um sistema de valores definido. Isso é, são formaspartilhadas no interior de um grupo e assinaladoras de suaindividualidade com relação a outros grupos sociais. Assim,no estudo da correlação entre gênero/sexo e mudançalinguística, um aspecto a considerar é o valor social davariante inovadora (PAIVA, 2004).

Perspectivas Geossociolinguísticas para uma descrição da vibrante e a lateral: o que dizem os dados

O contato com pessoas de outras localidades resulta em um processo de mestiçagem étnica e linguística e traz muitas respostas às perguntas e às hipóteses referentes à consolidação da língua. O Brasil apresenta grandes contrastes regionais e sociais, resultado da colonização e do povoamento. Esses contrastes estão associados à língua:

> Um retrato fiel, atual, de nosso país teria de colocar lado a lado: executivos de grandes empresas; técnicos que manipulam, com desenvoltura o computador; operários de pequenas médias e grandes indústrias; vaqueiros isolados em latifúndios; cortadores de cana; pescadores artesanais; plantadores de mandiocas em humildes roças; pombeiros que comerciam pelo sertão; indígenas aculturados (BRANDÃO, 2005, p.17).

A possibilidade de combinar os estudos da variação areal e as variáveis sociolinguísticas pode converter o estudo tradicional, monodimensional, em estudo bidimensional da variação linguística, sendo essa a finalidade da dialetologia pluridimensional e relacional. Dentre as tarefas, a mais importante é a "dupla arealização", percorrendo da superfície ao eixo social ou, no movimento inverso, do eixo social à superfície. Este movimento, pode preencher o "interespaço deixado vazio pelos estudos sociolinguísticos quando se detêm a comparar, por exemplo, duas ou mais cidades" (THUN, 2005, p. 67-68).

Recebido em: 24 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

Aliado à metodologia sociolinguística, o estudo dialetológico, investiga a relação entre língua e fatores extralinguísticos. Nesse contexto, conciliar os princípios metodológicos da sociolinguística e da geolinguística,

> pode oferecer pistas para a identificação dos caminhos pelos quais as inovações linguísticas se encaixam no interior dos contextos internos e externos da língua. O reconhecimento das dimensões que favorecem e/ou inibem a adoção e a difusão das novas formas ou a manutenção e preservação de formas já existentes revela também o papel de cada dimensão, que, no caso da variação, é particularizado pelos elementos da história e da cultura de cada grupo (BUSSE, 2012, p.114).

Apoiando-se nessa afirmação, compreende-se que a dialetologia não pode ser separada da sociolinguística. A união entre as duas disciplinas resultou no que é denominado *dialetologia pluridimensional*. As atuais pesquisas configuram-se pelo esforço de melhorar a coleta de dados, de visualizar as grandes estruturas formadas pelos fatos individuais e de estender a tradicional superfície constituída pela dimensão diatópica em espaços linguísticos que se desdobram e que se unem a outras dimensões verticais, como a dimensão diastrática.(THUN, 1998).

Perceber a língua como viva e evolutiva é compreender a língua em uso, em diferentes situações de comunicação. Mais que compreender os fatores que influenciam na variação e mudança linguística, é preciso conhecer os caminhos pelos quais a língua passou e o que de particular foi acrescida ou subtraída dela, como é o caso do português brasileiro.

As consoantes líquidas estão presentes em 95,8% das línguas do mundo. Uma de suas principais características é a grande variação alofônica, a alternância entre rótico e lateral é frequente, assim como a substituição entre róticos. No português, as consoantes líquidas sofrem fenômenos fonológicos e recebem uma classificação de acordo com cada um desses fenômenos.

No português brasileiro a posição de coda silábica pode ser preenchida pelas consoantes vibrante [r], lateral [l], fricativa [s] e nasal [n]. O rotacismo consiste na variável

Recebido em: 24 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

das consoantes líquidas [l] e [r] por se tratarem de duas laterais há uma tendência à assimilação do traço [lateral].

Segundo Mollica e Paiva (1991, p. 182), "ocorrendo na palavra um outro seguimento líquido, no caso [lateral], a líquida lateral presente na palavra tende a assimilar, transformando-se em [r]. É o que ocorre, por exemplo, na palavra **flora** passando a **frora**.

O fenômeno do rotacismo é possível ser encontrado na evolução do latim vulgar para o português: *blandu -brando*. Na literatura, em sua carta do descobrimento, Pero Vaz de Caminha escreve *concruir*por *concluir.* Em *"Os Lusíadas"* é possível encontrar duas formas diferentes para a palavra *inglês:* uma grafada com *l* e outra, grafada com *r.* (COSTA, 2011, p. 19). No livro "*O Dialeto Caipira"* de Amadeu Amaral, que descreve o dialeto utilizado na zona rural do interior Paulista, é apontada a troca na fala da consoante lateral pela vibrante em coda silábica: quarquer, paper, mér e arma.

Não apenas em São Paulo, o fenômeno do rotacismo também foi comprovado, por meio dos estudos dialetológicos, nos estados de Minas Gerais, Paraná Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Por possuírem propriedades comuns, as líquidas apresentam muitos desafios para as teorias fonológicas. A definição do ambiente propício para a alternância ou substituição das líquidas é aprimorada a cada nova abordagem teórica. Para a *Teoria dos Traços Fonológicos Distintivos* a distinção entre consoantes líquidas se dá pela troca de valor do traço [lateral]. As consoantes /l/ e /P/, do ponto de vista articulatório, são muito parecidas. Esta semelhança pode esclarecer, em termos de produção, a troca de uma consoante pela outra.

Quanto à posição silábica, os segmentos distribuem-se na sílaba a partir de características próprias, como a força articulatória e o grau de sonoridade. Além das características próprias dos segmentos, o contexto precedente é fundamental na estrutura da sílaba. Os segmentos distribuem-se numa escala de força consonantal, para cada segmento há um valor sonoro e a probabilidade de uma estrutura silábica sofrer processo de mudança cresce conforme sua avaliação de valor for menor na escala.

A presença de outro segmento líquido na palavra motiva a dissimilação, no caso do rotacismo, ocorre a dissimilação do /l/ em /r/. Os segmentos possuem valores diferenciados

Recebido em: 24 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

quanto à sonoridade, classificados em surdos e sonoros. Diante disso, é possível compreender a realização das variantes para lateral e vibrante alveolar em coda silábica medial como, por exemplo, a realização de sordado por soldado; em coda silábica final, realização de sar por sal; e em encontros consonantais como em prantas.

Considerações finais

Consolidada em um contexto multidialetal, a fala de Assis Chateaubriand-PR apresenta traços linguísticos que demarcam as diferenças sociais e geográficas em relação às demais localidades da região. É nesse contexto que propõe-se algumas considerações referentes à fala do município e aos fatores que possivelmente condicionam a realização do fenômeno do rotacismo.

Conforme as considerações trazidas no presente trabalho, na área da linguagem são inúmeros os estudos embasados em diferentes prismas que se preocupam em desvendar os segredos intrínsecos da interação do homem por meio da língua. Ao longo dos anos as diferentes áreas da linguística foram aprimorando seus estudos, isso porque, a língua é viva e evolutiva.

Para dar conta do caráter heterogêneo e do dinamismo da língua, a sociolinguística explica as variações e mudanças a partir da língua em uso, considerando as variáveis linguísticas e extralinguísticas. Aliada à sociolinguística, a dialetologia, por meio de dados geográficos e históricos, vem contribuir na representação dos caminhos percorridos pela língua, demarcando onde ocorreram as inovações e as conservações, resultado do contato entre língua e dialetos. As atitudes linguísticas não estão delimitadas apenas por fronteiras geográficas, mas também por fronteiras sociais.

Com relação ao rotacismo, acredita-se que não seja uma forma estigmatizada, mas em algumas situações, uma marca que indica a origem do grupo de falantes. Há na fala da comunidade chateaubriandense muitos pontos a serem discutidos e/ou desvendados e somente o controle das variáveis sociais e linguísticas permitirá compreender como a distribuição das variantes ocorreu e ainda ocorre no interior dos grupos e da língua.

Recebido em: 24 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A geolingüística no Brasil:** caminhos e perspectivas. Londrina: Eduel, 1998.

_____. Estudos geolingüísticos no Brasil: caminhos e propostas**. Estudos Lingüísticos.** São José do Rio Preto: UNESP, v. 1, n. 1. p. 119-126, 1998.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida Lima (Org.). **Documentos I:** Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: ILUFBA – EDUFBA, 2004.

ALKIMIM, Tania. Sociolinguística:parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org). **Introdução à linguística 1**. Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora, 2001.p.21- 48.

ALTINO, Fabiane Cristina. Pelos caminhos da geolinguística paranaense:em estudo do léxico popular de Adrianópolis. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A Geolinguística no Brasil:** trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005. p. 475-498.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. A história e as contribuições de um projeto na linha de pesquisa**.** In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A Geolinguística no Brasil:** trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005. p. 357-370.

_____. **A geografia linguística no Brasil.** São Paulo: Ática, 2005.

BENTES, Anna Christina (Org). **Introdução à linguística 1**. Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

BUSSE, Sanimar**.Investigações Geossociolinguísticas:** Considerações para uma descrição dos fenômenos da variação. **Revista Línguas & Letras,**v. 13 nº 24 1º Sem. p. 90 - 116. 2012.

_____. **Um estudo geolinguístico da fala do Oeste do Paraná.** Londrina, 2010, 284 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu*em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR, 2010.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística**: uma introdução crítica. Trad. de Marcos Marcionilo. 4.ed. São Paulo: Parábola, 2009.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A geolinguística no terceiro milênio**: monodimensional ou pluridimensional?.**Revista do GELNE**. v. 4. nº1/2. Salvador: UniversidadeFederal da Bahia, 2002.

CARDOSO, Jayme Antonio; Westphalen, Cecília Maria. **Atlas Histórico do Paraná.** Curitiba, Livraria do Chain, 1986.

Recebido em: 24 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota. **A dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARUSO, Pedro. Metodologia da pesquisa dialetológica.In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A Geolinguística no Brasil:** trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005. p. 371-380.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, Diacronia e História.** El problema de cambio lingüístico. Gredos: Madrid, 1988.

FARACO, Carlos Alberto. TEZZA, Cristovão. **Prática de texto para estudantes universitários.** 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

HORA, Dermevalda.**Sociolinguística.** Disponível em http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/sociolinguastica_1360184257.pdf. Acesso em 14/jul/2014.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home. Acesso em 18/set/2013.

LABOV, William. **Sociolinguistique.** Paris: LesÉditions de Minuit, 1976.

_____. **Princípios del cambio lingüístico**. Vol. 1. Madrid: Gredos, 1994.

LOPEZ-MORALES, Humberto. **Sociolingüística.** Madrid: Gredos, 1993.

MAIOR, Laércio Souto. **História do Município de Assis Chateaubriand:** o encontro das correntes migratórias na última fronteira agrícola do estado do Paraná. Maringá: Clichetec, 1996.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolingüística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MOTA, Jacyra**.** Metodologia na pesquisa geolingüística: o questionário fonético-fonológico. **Revista Prolínguas**, João Pessoa, Edições da Universidade Federal da Paraíba, nº 2, v.2, p. 1-11, jul./dez. de 2008.

PAIVA. Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo.In. MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza.**Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação.São Paulo: Contexto, 2004.

RIPPEL, Ricardo. **Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do Estado do Paraná:** uma análise de 1950 a 2000. Campinas, SP : [s. n.], 2005.

Recebido em: 24 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

RODRIGUES, Rosa Evangelina de Santana Belli. **Em busca de uma história para o léxico rural paranaense.** Tese de Doutoradoapresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2007.

SILVA, ThaïsCristófaro. **Fonética e Fonologia do Português**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-32

THUN, Harald et al. **El atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU) Presentación de un proyeto.**Iberoromânia. Tübingen, 1989.

_____. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In. ZILLES, Ana Maria Stahl. **Estudos de Variação Lingüística no Brasil e no Cone Sul.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

Recebido em: 24 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017